

**UMA
COISA
ABSOLUTAMENTE
INCRÍVEL
HANK
GREEN**

TOP
SEL
LER

Obrigado, mãe!

CAPÍTULO 1

Eu sei que estão à espera de uma narrativa épica cheia de intriga e mistério e aventura e quase-morte e morte a sério, mas para chegarmos aí (a menos que queiram saltar já para o capítulo 13; e podem fazê-lo, pois eu não mando em vocês), vão ter de aceitar o facto de eu, April May, além de ser uma das coisas mais importantes que algum dia aconteceram à espécie humana, também sou uma mulher na casa dos 20 que já cometeu alguns erros. Estou numa posição maravilhosa — tenho-vos na mão. A história é minha, e, portanto, posso contá-la da forma que quiser. Isso significa que vão ficar a conhecer-me, e não apenas à minha história, pelo que não se admirem se houver uma certa dose de dramatismo. Vou tentar relatar tudo com sinceridade, mas também reconheço que serei bastante tendenciosa a meu favor. Se retirarem alguma conclusão daqui, espero que não seja que estão mais a favor de um lado ou de outro, e sim que percebam simplesmente que sou (ou, pelo menos, era) humana.

E estava a sentir-me uma mera humana ao arrastar o meu esqueleto cansado pela 23rd Street às 2h45 depois de um turno de 16 horas numa *start-up* cujo nome (graças a um contrato extremamente desprezível que assinei) não vou referir. Frequentar uma universidade de Belas-Artes pode parecer uma péssima decisão financeira, mas só se a pessoa tiver de contrair montes e montes de empréstimos para pagar as propinas do seu curso finório. Coisa que fiz, claro. Os meus pais eram bem-sucedidos, tinham uma empresa que fornecia equipamento a explorações leiteiras de pequena e média dimensão. Sabem... aquelas coisas que se põem nas vacas para tirar o leite, era isso que eles vendiam e distribuíam.

O negócio ia bem, o suficiente para eu não ficar com muitas dívidas se tivesse ido para uma universidade pública. Mas não foi o que fiz. E tinha dívidas. Muitas. Então, depois de saltar de curso em curso (Publicidade, Belas-Artes, Fotografia, Ilustração) e finalmente acabar na prosaica (mas, ao menos, útil) licenciatura em Design, aceitei o primeiro emprego que me mantivesse em Nova Iorque e longe do meu quarto de infância em casa dos meus pais, no norte da Califórnia.

E esse foi o emprego numa *start-up* condenada ao fracasso financiada pelo poço sem fundo de pessoas ricas que só conseguem ter o sonho mais monótono de uma pessoa rica: serem ainda mais ricas. É claro que trabalhar numa *start-up* significa que se é parte da «família», pelo que quando as coisas correm mal, ou quando se está em cima de um prazo, ou quando um investidor se passa, ou só *porque sim*, não se sai do trabalho antes das três da manhã. E eu, para dizer a verdade, odiava aquilo. Odiava porque a aplicação de gestão de tempo da empresa era uma ideia estúpida que, na verdade, não ajudava ninguém; odiava porque sabia que só estava a fazer aquilo pelo dinheiro; e odiava porque eles pediam aos funcionários que considerassem o seu emprego como se fosse o centro da sua vida em vez de uma simples ocupação, o que implicava ficar sem tempo livre para os meus projetos pessoais.

MAS!

Menos de um ano depois de ter saído da universidade, estava a dar uso ao meu curso, a fazer design gráfico a sério e a receber um salário que dava para pagar a renda. O meu ambiente de trabalho, na prática, era quase criminoso, e metade do meu ordenado ia para a renda do T1 onde eu dormia na sala, mas estava a safar-me.

Acabei de mentir. A minha cama ficava na sala, mas eu dormia sobretudo no quarto — o quarto da Maya. Não vivíamos juntas, partilhávamos apenas a casa, e a April-de-antigamente gostaria que eu fosse muito clara quanto a isso. Qual a diferença entre essas duas coisas? Bem, a principal diferença era que nós não namorávamos antes de irmos viver juntas. Namorar com uma colega de casa é conveniente, mas também é um pouco confuso quando se viveu com essa pessoa durante boa parte do curso. Até que, finalmente, começámos a namorar e agora somos um casal há mais de um ano.

Se já se vive debaixo do mesmo teto, quando é que surge a questão: «Queres vir viver comigo?» Bom, no nosso caso a pergunta foi: «Dá para tirar aquele colchão em segunda mão da sala para nos podermos sentar num sofá enquanto vemos a Netflix?» E, até ali, a minha resposta tinha sido: «É claro que não, somos só colegas de casa que namoram uma com a outra.» Motivo pelo qual ainda havia uma cama na nossa sala de estar.

Eu avisei que ia haver dramatismo.

Bom, mas voltemos àquela fatídica noite de janeiro. Na semana seguinte era preciso lançar na *App Store* uma nova versão daquela *app* de treta, e eu tinha estado à espera das aprovações finais sobre umas mudanças na interface do utilizador e mais não sei quê, não interessa — miudezas de trabalho sem importância. Em vez de ir para o trabalho mais cedo, fiquei até tarde, coisa que sempre preferi. O meu cérebro estava em papa depois de tentar decifrar as diretrizes crípticas de chefes que não sabiam a diferença entre um mapa de *bits* e um gráfico vetorial. Saí do edifício (era um espaço de *cowork*, nem sequer era um escritório arrendado) e fiz o caminho de três minutos até à estação de metro.

E depois o meu passe foi recusado sem motivo aparente. Tinha outro na secretária, no trabalho, e não sabia ao certo quanto dinheiro tinha na minha conta à ordem, portanto achei que o melhor era jogar pelo seguro e percorrer os três quarteirões de volta até ao escritório.

O semáforo dos peões estava verde, e então atravessei a 23rd Street, mas um táxi buzinou-me como se eu não devesse estar na passeadeira. *Vai-te catar, meu, está verde para mim*. Virei-me para me dirigir ao escritório e foi então que a vi. À medida que me aproximei, tornou-se claro que era uma escultura mesmo... MESMO excepcional.

Ou seja, era ESPETACULAR, mas também um bocado «espetacular à Nova Iorque», percebem?

Como é que explico a impressão com que fiquei? Bom... em Nova Iorque, as pessoas passam dez anos a tentar fazer algo incrível, algo que capte a essência de uma ideia tão perfeitamente que, de repente, o mundo se torna dez vezes mais nítido. É uma coisa linda e poderosa e alguém lhe dedicou uma enorme parte da sua vida. O canal noticioso local faz uma reportagem sobre a obra e toda a gente pensa *Que fixe!* e, no dia seguinte,

esquecemo-nos dela em prol de outra COISA ABSOLUTAMENTE PERFEITA E INCRÍVEL. Isso não as torna menos maravilhosas ou únicas... Simplesmente, há muitas pessoas a fazerem muitas coisas incríveis, pelo que acabamos por ficar um tanto habituados.

E então foi isso que pensei quando o vi — um *Transformer* de três metros de altura com uma armadura de samurai, o seu enorme peito arqueado erguido em direção ao céu, um bom metro ou metro e meio acima da minha cabeça. Limitava-se a estar ali, cheio de energia e poder. Dava a ideia de que, a qualquer momento, podia virar aquele olhar vazio e altivo na *minha* direção. Em vez disso, ficou simplesmente ali, calado e quase desdenhoso, como se o mundo não merecesse a sua atenção. À luz dos candeeiros, o metal era um mosaico de preto-retinto mate e de prateado refletor tipo espelho. E era claramente metal... não um disfarce feito de cartão e pintado com spray. Estava esculpido com uma mestria admirável. Parei durante cinco segundos, talvez, e depois estremei com o frio e com a imponência da coisa, retomando o meu caminho.

Foi então que. Senti. Tipo. O. Maior. Abanão.

Quer dizer, sou uma artista a esfalfar-se demasiado, num trabalho para lá de desinteressante, para conseguir ficar a viver nesta cidade — para poder continuar imersa numa das culturas mais criativas e influentes do planeta. Ali, em pleno passeio, estava uma obra de arte que foi uma tarefa difícilíssima de executar, uma instalação em que o artista trabalhou, talvez, durante anos, para fazer as pessoas olharem e refletirem. E agora eu, calejada pela vida na metrópole e mentalmente esgotada ao fim de horas às voltas com os *pixels*, nem sequer olhava duas vezes para uma coisa tão magnífica.

Lembro-me daquele momento com grande nitidez, portanto, acho que é de referir. Voltei para junto da escultura, pus-me em bicos de pés e disse:

— Achas que devo ligar ao Andy? — A escultura, claro, não se mexeu.
— Mantém-te imóvel se achares bem que eu ligue ao Andy.

E então fiz a chamada.

Mas, primeiro, tenho de vos explicar quem é o Andy!

Estão a ver aqueles momentos em que a nossa vida muda e pensamos *Vou, definitivamente e sem qualquer dúvida, continuar a gostar destas*

peças fixas com quem passei tantos anos, a valorizá-las e dar-me com elas, apesar de as nossas vidas estarem a mudar muito nesta altura, e depois mais vale desamigá-las do Facebook porque nunca mais se vai voltar a ver aquelas criaturas na vida? Bom, o Andy, a Maya e eu tínhamos conseguido (até então) escapar a esse destino. A Maya e eu porque ocupávamos os mesmos 50 metros quadrados. O Andy, por outro lado, vivia na outra ponta da cidade, e só o conhecemos no segundo ano da universidade. Naquela altura, eu e a Maya tínhamos praticamente as mesmas disciplinas, porque... Bem, gostávamos mesmo muito uma da outra. É claro que iríamos ficar juntas sempre que houvesse algum trabalho de grupo. Mas o professor Kennedy quis dividir-nos em grupos de três, o que significava que teria de haver alguém a segurar a vela. Sem sabermos como, acabámos por ter de aturar o Andy (ou, provavelmente, do seu ponto de vista, ele acabou por ter de nos aturar).

Eu sabia quem ele era. Tinha formado uma vaga ideia acerca dele que se resumia a «aquele tipo não tem motivos para ser tão autoconfiante como é». Era escanzelado e maljeitoso, branco como cera. Imaginava-o a pedir ao barbeiro um corte que desse a ideia de que nunca tinha cortado o cabelo. Mas tinha sempre uma resposta pronta, e, na maior parte das vezes, essas respostas eram ou engraçadas ou perspicazes.

O projeto era concebermos o *branding* para um produto de uma marca fictícia. Tratar do design das embalagens era opcional, mas precisávamos de diversas opções de logótipo e um guia de estilo (uma espécie de livrinho que diz a toda a gente de que modo a marca deve ser apresentada e que tipos de letra e cores devem ser usados em diversas situações). Era mais ou menos um dado adquirido que a marca pertenceria a uma qualquer empresa estilosa que comercializava calças de ganga de fabrico ético e comércio justo com uns bolsos completamente inúteis, ou coisa do género. Na verdade, acabava quase sempre por ser uma marca fictícia de cerveja artesanal porque éramos estudantes universitários. Estávamos a pagar bom dinheiro para aperfeiçoar o nosso gosto por cerveja e para sermos presunçosos quanto a ele.

E tenho a certeza de que eu e a Maya teríamos ido nesse sentido, mas o Andy era insuportavelmente teimoso e lá nos convenceu a criar a identidade visual da *Bubble Bum*, uma pastilha elástica com sabor

a rabo. A princípio, os seus argumentos foram parvos, que não iríamos fazer coisas estúpidas e fixes depois do curso, portanto, mais valia não levarmos o projeto tão a sério. Mas convenceu-nos quando falou a sério.

«Ouçam», disse ele, «é fácil conferir um aspeto fixe a uma coisa fixe. É por isso que toda a gente escolhe produtos fixes. Mas, em última instância, o que é fixe é sempre uma seca. E se conseguirmos dar a uma coisa parva um aspeto fantástico? Tornar uma coisa invendável espetacular? Isso é que é um desafio. Isso é que requer perícia. Vamos mostrar-lhes que conseguimos fazer isso!»

Lembro-me muito bem disso porque foi então que percebi que o Andy era mais do que parecia.

Quando terminámos o trabalho de grupo, não consegui evitar sentir-me um pouco superior ao resto dos nossos colegas, a levarem os seus *skinny jeans* e as suas cervejas artesanais tão a sério. E o produto acabado tinha ótimo aspeto. O Andy era — e eu sabia isso, mas não o registara como importante — um ilustrador extremamente talentoso, e com as aptidões de caligrafia da Maya e com o meu trabalho cromático, acabou por ficar superapelativo.

E então foi assim que eu e a Maya conhecemos o Andy, e ainda bem que conhecemos. Para ser franca, precisávamos de um terceiro elemento para equilibrar a intensidade dos primeiros tempos da nossa relação. Depois do projeto da *Bubble Bum*, de que o Kennedy gostou tanto a ponto de o publicar no site da turma, formámos como que um trio. A seguir ao curso, até trabalhámos em conjunto nalguns projetos independentes, e de vez em quando o Andy vinha a nossa casa e obrigava-nos a jogar jogos de tabuleiro. E depois acabávamos por passar a noite a falar de política ou dos nossos sonhos e ansiedades. O facto de ele ter um evidente fraquinho por mim nunca incomodou nenhum de nós, porque ele sabia que eu já estava na relação e, bem, acho que a Maya nunca o viu como uma ameaça. Sem sabermos bem como, a nossa dinâmica não se quebrou depois de o curso chegar ao fim e continuámos a dar-nos com o engraçado, o esquisito, o esperto e o estúpido do Andy Skampt.

A quem eu, nesse momento, estava a ligar às três da manhã.

— Caramba, April, são três da manhã.

— Ei, tenho uma coisa que talvez queiras ver.

— Está-me a parecer que pode esperar até amanhã.

— Não, isto é muito fixe. Traz a tua câmara de vídeo... E o Jason tem luzes? — O Andy partilhava casa com o Jason, ambos queriam ser estrelas da Internet. Faziam vídeos em direto de eles a jogarem videojogos para um público ínfimo, e tinham um *podcast* sobre as melhores mortes em séries de televisão, que também filmavam e punham no *YouTube*. A mim, aquilo parecia-me a doença incurável de que tantos tipos com dinheiro padeciam: a convicção, apesar da montanha de provas em contrário, de que o que o mundo mais precisa é de outro *podcast* de comédia feito por branquelas. Parece duro dizê-lo, mas era o que eu pensava na altura. Hoje em dia, claro, sei quão fácil é sentirmos que não temos importância se ninguém nos estiver a ver. E entretanto também já ouvi o *Slainspotting*, que até tem bastante piada.

— Espera... o que é que se passa? É para eu fazer o quê? — perguntou ele.

— Quero que faças o seguinte: vens até ao Gramercy Theatre e trazes todas as cenas de vídeo do Jason, e garanto que não te vais arrepender. Nem sequer penses em voltar ao teu jogo *hentai* de realidade virtual com que estás para aí entretido... Isto é melhor, juro.

— Dizes isso mas já jogaste o *Cherry Blossom Fairy 5, April May*? Já?

— Olha, vou desligar... Quero-te aqui em cinco minutos.

Desliguei.

Várias pessoas que não eram o Andy passaram por mim enquanto esperava por ele. Manhattan já não é tão autêntica como em tempos foi, claro, mas continua a ser a cidade que nunca dorme. E também a cidade do «Vejam o campo onde crescem os quanto-eu-me-importo. Fitem-no e reparem como é estéril». As pessoas olhavam de relance para a escultura e seguiam caminho, tal como eu quase fizera. Tentei parecer ocupada. Manhattan é um local seguro, mas isso não significa que uma mulher de 23 anos sozinha às três da manhã no meio da rua não possa ser incomodada por um estranho qualquer.

Nos minutos seguintes, pude admirar a estrutura. Em Manhattan, nunca é verdadeiramente de noite, pelo que havia bastante luz, mas

as sombras profundas e o tamanho da escultura tornavam difícil absorvê-la. Era colossal. Provavelmente, pesava muitas centenas de quilos. Descalcei uma luva e toquei-lhe, constatando com surpresa que o metal não era frio. E também não era bem quente... mas duro. Bati-lhe na pélvis e não ouvi o tinido que esperava. Foi mais um som seco, seguido de um reverberar grave. Comecei a pensar que faria parte das intenções do artista... que a ideia era as pessoas de Nova Iorque interagirem com aquela peça... que descobrissem as suas propriedades. Quando se estuda Artes, pensa-se muito nos objetivos e na intenção. Como alunos, esse era o nosso estado normal: VER ARTE → CRITICAR ARTE.

Ao fim de algum tempo, interrompi a crítica e limitei-me a absorver o que via. Estava a começar a gostar muito dela. Não apenas como a criação de outra pessoa, mas do modo como gostamos de grandes obras de arte... fruindo do objeto. Era tão diferente de tudo o que já vira. E era ousado, à sua maneira *Transformer*. Eu teria tido pânico de fazer algo que se parecesse com robots mecânicos... Ninguém quer ser comparado a algo que seja um *sucesso comercial*. Esse é o pior dos destinos possíveis.

Mas aquela peça era muito mais do que isso. Parecia ter vindo de um sítio completamente diferente de todas as outras obras que eu alguma vez tinha visto, fossem esculturas ou não. E estava bastante absorpta na coisa quando o Andy me trouxe à realidade.

— Mas que raio vem a ser... — Carregava uma mochila às costas, três câmaras a tiracolo e segurava dois tripés.

— Pois é... — respondi.

— Isto. É. INCRÍVEL.

— Eu sei... E o pior é que quase o ignorava. Pensei *Bem, cá está mais uma cena fixe típica de Nova Iorque* e continuei a andar. Mas depois ocorreu-me que nunca ouvi nem li nada sobre isto e, como estás sempre à procura do teu grande êxito viral, talvez queiras ficar com a notícia em primeira mão. Então fiquei aqui a guardá-lo para ti.

— Então, viste esta obra de arte enorme, linda e musculosa e em quem é que pensaste? No ANDY Skampt! — Estava a enterrar os polegares no peito ossudo.

— LOL — disse eu, com sarcasmo. — Na verdade, pensei que te podia fazer um favor... e cá está. Portanto, que tal ficares simplesmente agradecido?

Um pouco desmoralizado, passou-me um tripé.

— Bem, vamos lá montar esta cena. É começar a trabalhar antes que o *Channel 6* tropece nisto e nos roube o exclusivo.

Cinco minutos depois, a câmara estava montada, a luz, ligada a uma bateria, resplandecia, e o Andy estava a prender o microfone à sua lapela. Não parecia tão totó como na universidade. Tinha deixado de usar aqueles bonés de basebol estúpidos, e trocara os penteados revoltos (ou invulgares, vá) por um corte curto e ondulado que lhe favorecia o formato da cara. Mas, apesar de ter mais 20 centímetros e quase a mesma idade que eu, continuava a parecer cinco anos mais novo.

— April — disse ele.

— Sim?

— Acho que se calhar é melhor seres tu. — Provavelmente, respondi com uma rosnadela confusa. — À frente da câmara, isto é.

— Mano, este é o teu sonho, não o meu. Não pesco nadinha do *YouTube*.

— É que... bem, eu... — Em retrospectiva, penso que é possível, embora nunca lhe tenha perguntado, que ele tenha percebido que aquilo viria a tornar-se uma cena em grande. Não tão grande quanto se veio a revelar, claro, mas grande.

— Ei, não penses que vais cair nas minhas graças tornando-me famosa na Internet, que isso é coisa que nem sequer quero.

— Sim, mas tu não sabes trabalhar com esta câmara. — Dava para ver que ele estava a inventar uma desculpa, mas não percebi porquê.

— Não sei estar atrás da câmara, mas também não sei estar à frente da câmara. Tu e o Jason passam o dia a falar para a Internet, eu mal vou ao *Facebook*.

— Tens *Instagram*.

— Isso é diferente. — Esbocei um sorriso tolo.

— Não, não é. Dá para ver que te importas com o que publicas. Não enganas ninguém. És uma miúda digital, April, num mundo digital. Todos sabemos representar. — Abençoada a franqueza do Andy.

Ele tinha razão, claro. Eu tentava não ligar às redes sociais, e preferia ir a galerias de arte a perder tempo no *Twitter*. Mas não estava tão desligada das redes como dava a entender. Ficar irritada com as imagens que os outros projetavam cuidadosamente online fazia parte da imagem que eu projetava cuidadosamente online. Ainda assim, acho que ambos sentíamos que o Andy estava a tentar forçar a coisa.

— Andy, diz lá, o que é que se passa?

— É que — inspirou fundo antes de continuar — acho que se fosses tu, isso seria melhor para o artista. Não passo de um palerma, sei bem o aspeto que tenho. As pessoas não me vão levar a sério. Tu pareces uma artista, olha para a tua maneira de vestir, para as tuas maçãs do rosto. Tens ar de quem sabe do que está a falar. Tu sabes do que estás a falar, e tens paleio. Se for eu, a coisa transforma-se numa piada. Além disso, foste tu quem o encontrou, portanto, acho que tem mais sentido que fiques tu à frente da câmara.

Ao contrário de muitos dos meus colegas que se formaram em cursos de Design, eu achava que sabia bastante sobre arte. Se se estão a perguntar qual é a diferença, bem, a arte é uma coisa que se faz pelo seu valor intrínseco. O design é arte que faz outra coisa. É mais parecido com engenharia visual. Comecei a universidade a estudar Belas-Artes, mas no final do primeiro semestre decidi que talvez um dia quisesse ter emprego. Então troquei para Publicidade, que detestei, e depois mudei mais algumas vezes até que finalmente cedi e fui para Design. Mas ainda gastava mais tempo e energia a prestar atenção ao panorama artístico de Manhattan do que os meus outros colegas que apenas tinham optado por Design. Pode parecer parvo, mas o simples facto de ter 20 e poucos anos em Nova Iorque fazia-me sentir importante. Mesmo que não estivesse a fazer arte a sério, pelo menos trabalhava nesta cidade, algo bem diferente do negócio dos meus pais.

Fosse como fosse, parecia que o Andy não ia desistir e eu estava convencida de que aquilo não era nada de mais. Então, passei o microfone por dentro da camisola... O fio ainda estava quente, do corpo do Andy. A luz ofuscava-me e eu mal via a lente. Estava frio, havia uma leve brisa, estávamos sozinhos no passeio.

— Estás pronta?

— Dá-me esse microfone — disse eu, apontando para um saco aberto no chão.

— O teu micro está a rolar, não precisas dele.

Não sabia o que aquilo queria dizer, mas apanhei a ideia.

— Não, só como adereço... para poder... entrevistá-lo?

— Ah... fixe... — O Andy passou-me o microfone.

— OK — disse eu.

— Está a gravar.

CAPÍTULO 2

«**E** stá a gravar.» Já ouviram o Andy a articular estas palavras... se forem seres humanos que já estiveram perto de um computador com ligação à Internet. Quer falem ou não inglês. Quer já tenham tido um qualquer aparelho eletrónico ou não. Quer sejam bilionários chineses ou pastores da Nova Zelândia, já as ouviram. Os rebeldes milicianos do Nepal já as ouviram. É o vídeo mais visto de todos os tempos. Tem mais visualizações do que o número de seres humanos à face da Terra. A Google estima que o «Carl de Nova Iorque» já foi visto por 94 % de todas as pessoas vivas. E, por esta altura, imagino eu, um bom número de pessoas mortas também.

Depois de o Andy ter editado o vídeo, eis aquilo com que ficámos, mais coisa menos coisa:

Eu estava uma desgraça. Não dormia há 22 horas. Mal estava maquiada e as regras de indumentária do meu emprego eram «o menor esforço possível», portanto, vestia um blusão de ganga por cima de uma camisola de capuz branca e as minhas calças estavam rasgadas nos joelhos, o que não contribuía para me manter quente. Tinha o cabelo solto, caído sobre os ombros, a luz encandeava-me e eu esforçava-me por não semicerrar os olhos, mas, apesar de tudo, até nem parecia muito mal. Se calhar é por ter visto o vídeo tantas vezes que já passei o ponto da vergonha. Mesmo quando ficou mais claro, tinha os olhos tão escuros que parecia que só tinha pupila. Os meus dentes reluziam com o candeeiro LED do Jason. Vai-se lá saber como, parecia radiante. A vertigem da falta de sono tinha tomado conta de mim. A minha voz estava rouca.

— Olá! Sou a April May e estou aqui no cruzamento da 23rd com a Lexington, com um visitante inesperado e invulgar. Chegou algures

antes das três da manhã e postou-se diante da porta do Chipotle Mexican Grill, ao lado do Gramercy Theatre como um antigo guerreiro de uma civilização desconhecida. O seu olhar gélido acaba por ser reconfortante; como se... Bom, nenhum de nós decifrou o sentido da vida... nem sequer este guerreiro metálico de três metros. A vida tem-te deixado em baixo? Não te preocupes... és insignificante! Será que me sinto mais segura sob o seu olhar? Não! Mas talvez a segurança não seja o busílis da questão! — Um casal, a caminho de casa depois de uma longa noite, passou por nós enquanto eu o dizia, olhando por cima do ombro, mais para a câmara do que para o gigantesco ROBOT. O ângulo da câmara mudou abruptamente. (Isso depois de alguns segundos de mim a gaguejar enquanto tentava dizer qualquer coisa de jeito e de o Andy a garantir-me que cortaria as partes em que eu parecia uma idiota.)

— Ele chama-se Carl! Olá, Carl. — Nesse momento, estendi o microfone ao Carl... pondo-me em bicos de pés. Sou pequena, tenho um metro e cinquenta e sete, o que o fez parecer ainda maior do que era. Ele nada disse. — Um robot de poucas falas, mas cuja aparência vale por mil palavras.

Outro corte e, então, olhei diretamente para a câmara.

— Carl, imóvel, sólido, e, sem sabermos como, morno ao toque, é um robot de três metros que os habitantes de Nova Iorque parecem não achar particularmente interessante.

Corte.

— Qual é a vossa opinião? Acham que se trata de uma instalação artística? Um projeto pessoal, despejado do seu apartamento juntamente com um inquilino pobretana? Um adereço esquecido de uma rodagem cinematográfica feita na zona? Será que a «cidade que nunca dorme» se tornou uma cidade tão pretensiosa que já nem repara nas ocorrências mais peculiares e surpreendentes? Não, esperem! Um jovem parou para olhar, vamos perguntar-lhe o que pensa.

Corte.

Então o Andy partilhou o microfone falso comigo.

— Como é que se chama?

— Andy Skampt. — O Andy parecia mais nervoso do que eu.

— E pode confirmar que estamos perante um robot de três metros à porta do Chipotle?

— Posso, sim.

— E pode confirmar que isto, na verdade, não se trata mesmo de nada normal?

— A-hã.

— E o que acha que significa?

— Não sei, para dizer a verdade. Agora que penso nisso, o Carl deixa-me um bocado apavorado.

— Obrigada, Andy.

Corte.

— E aqui está, cidadãos do mundo. Um homem robot, gigante, altivo, aterrorizador e ligeiramente morno chegou à cidade de Nova Iorque e, através da sua inação, acaba por se tornar interessante apenas para um vídeo de um minuto. — Tudo isto foi dito durante planos muito aproximados do robot, com a sua imobilidade a transbordar de movimento, a energia a reluzir imediatamente sob a superfície.

Enquanto estava diante da câmara, só pensava na artista. Uma camarada criativa que se tinha dedicado de corpo e alma a uma coisa realmente notável que o mundo inteiro podia, simplesmente, ignorar. Estava a tentar percebê-la. A tentar compreender por que motivo tinha criado aquela coisa e, em simultâneo, a querer denunciar a ignorância insensível do mundo perante a beleza e a forma. ATENÇÃO, NOVA-IORQUINOS! VEJAM QUÃO FIXES AS CENAS PODEM SER! Eu queria que as pessoas abrissem os olhos e passassem alguns instantes a contemplar o incrível que é a criação humana. Não deixa de ser hilariante, em retrospectiva.

— Ficou bem?

— Sim, ótimo, fantástico, és adorável e inteligente e a Internet vai delirar contigo.

— Oh, tudo aquilo com que sempre sonhei — disse eu, inexpressivamente. — De repente, fiquei mesmo cansada.

— Sim, quer dizer, não é de estranhar. E porque é que estavas acordada a esta hora?

— Além do robot gigante? O costume, mais um dia, mais uma crise do tipo «precisamos da ajuda de todos».

— Pelo menos tens emprego.

O Andy andava a tentar trabalhar como freelancer, que é o que se faz quando não se tem empréstimos universitários para pagar e o nosso pai é um advogado podre de rico em Hollywood.

E, subitamente, já não estávamos a falar do Carl. O Andy tirou alguns planos mais aproximados, enquanto eu fiquei a lamuriar-me do trabalho, e falou-me sobre um novo cliente que queria que o seu logótipo tivesse um ar mais «informático». Até me empoleirei nos ombros do Andy para chegar o mais perto possível da cara do robot, tentando segurar a máquina com estabilidade para depois usar essas imagens nos planos intercalares da entrevista. Estávamos a conversar sobre o trabalho e a vida, até que vimos que já eram quase quatro da manhã.

— Bom, isto foi uma cena supermarada, April May. Obrigado por me arrastares até aqui numa madrugada gélida para fazer um vídeo de robots contigo.

— Obrigada eu por teres vindo, e não, não vou a tua casa para te ver editar o vídeo. Vou para a cama. Se me ligares antes do meio-dia, empa-lo-te naquela coisa bicuda que o Carl tem na cabeça.

— É sempre um prazer falar contigo.

— Até amanhã.

No metro, a caminho de casa, pus o telemóvel em modo de voo. Essa noite foi, provavelmente, a melhor noite de sono que tive até ao fim dos meus dias.

CAPÍTULO 3

Acordei às duas da tarde. Nem sequer acordei quando a Maya se levantou da cama. Antes de voltar ao quarto, ela fez aquela coisa de bater ao de leve enquanto se abre a porta, o que conseguia ser irritante e, ao mesmo tempo, enternecedor. Levou-me uma chávena de café. O quarto estava, para o meu gosto, agradavelmente bagunçado. Havia algumas peças de roupa no chão, uma ou duas canecas a mais na secretária, demasiados livros nas mesas de cabeceira.

Não compreendo as pessoas que mantêm sempre tudo arrumadinho à sua volta. É muito mais eficiente fazer arrumações intensivas de vez em quando do que uma manutenção permanente. Além disso, a minha cabeça gosta de caos. É como se eu precisasse de tornar o mundo à minha volta confuso para conferir ordem à minha arte e às minhas ideias. Enfim, era toda uma mundividência que estava a aperfeiçoar. Simplicidade no design e o caos completo em tudo o resto. E, claro, a Maya não deixava que eu descarrilasse por completo.

A Maya era muito mais organizada do que eu, mas nenhuma de nós era maluquinha pela organização, o que tornava possível a nossa convivência a partilhar uma casa. Ela estava a pé há horas, claramente; tinha as rastas num penteado rebuscado, que me parecia quase mágico, e já estava maquilhada. Isso significava que, provavelmente, iria fazer qualquer coisa importante mais tarde. Talvez me tivesse falado nisso, mas, se falou, não me lembrava do que seria. Uma reunião de trabalho com um cliente? Ela era a única das duas que conseguira emprego num estúdio de design. O salário não era grande coisa, mas era um começo.

Além de cuidar do apartamento melhor do que eu, também cuidava muito melhor da relação. Todo o desconforto que havia entre nós partia

de mim. Eu impedia-a ativamente de falar em coisas sérias. Se não fossem os meus problemas, já «viveríamos juntas» há muito tempo.

— Trouxe-te café — disse ela, baixinho, para o caso de eu ainda estar meio adormecida.

— E ao fim de anos a vivermos juntas ainda não reparaste que nunca bebo café?

— Não é verdade. — Pousou a chávena na minha mesa de cabeceira. — Só bebes café em dias mesmo, mesmo maus — disse, e sentou-se no meu lado da cama.

Voltei-me para ela com um grande ponto de interrogação estampado na cara.

— April, esta coisa do robot ganhou contornos um tanto estranhos.

— Já sabes do Carl?

— Porque é que lhe deste esse nome estúpido? — perguntou ela, irritada.

— Já sabes do Carl. — Deixara de ser uma pergunta.

— Sei do Carl e...

— O Andy chateou-te? — Interrompi-a antes de ela poder continuar, exasperada por ele não ter sido capaz de deixar o assunto até à manhã seguinte. Ou melhor, até ao final da tarde seguinte.

— Não me interrompas, porque eu deixei-te dormir — exigiu. — O Andy não parou de ligar, a manhã toda, e está a passar-se e quer que vejas o teu e-mail. Diz que vais ver uma série de coisas importantes, incluindo mensagens de estações de televisão locais e *managers* e agentes de espetáculos. Acho que não é o tipo de coisa que devas ignorar, mas também não acho que seja preciso ter pressa.

A Maya era a pessoa mais eficiente do mundo a falar. Era como se escrevesse ensaios mentalmente e depois os recitasse palavra por palavra. Certa vez, explicou-me que achava que isso se devia ao facto de ser Negra na América.

«A todas as pessoas negras que passem tempo com muitas pessoas brancas acaba por ser pedido que falem por todas as pessoas negras», disse-me ela, uma noite, quando já era demasiado tarde para ainda estarmos à conversa. «E detesto isso. É mesmo estúpido. E toda a gente reage a essa idiotice como entende. Mas a minha ansiedade tornou-me

extremamente cuidadosa em relação a tudo o que digo, porque é claro que não represento os Negros com ‘N’ maiúsculo, mas se as pessoas acham que sim, então sinto que tenho a responsabilidade de o tentar fazer bem.»

Eu nunca sabia o que dizer quando ela falava daquelas coisas. Sou branca e cresci numa comunidade muito branca. Então dizia apenas o que já ouvira que se devia dizer em situações como aquela:

«Isso parece muito duro.»

«Sim», respondeu. «Toda a gente passa pelas suas coisas duras. Obrigada.»

«Céus, espero que não sintas que tens de representar todas as pessoas negras quando estás comigo», disse eu. «Espero que não estejas sempre... a pisar ovos quando falas comigo.»

«Não, April.» E houve uma grande pausa antes de ela continuar. «Contigo tenho cuidado por outros motivos.»

Tive demasiado medo de perguntar o que aquilo queria dizer, e então beijei-a e depois fomos dormir.

Em todo o caso, a eficiência discursiva da Maya era extremamente útil na manutenção de um relacionamento que eu, subconscientemente, mantinha no fio da navalha entre o despreocupada e o séria. Ela conseguia falar com os olhos e com o corpo, mas escolhia quase sempre fazê-lo com a boca. E eu não me importava com isso.

— Maya — e não pude dizer mais nada porque ela pousou suavemente o indicador nos meus lábios.

Através do dedo, eu disse:

— Hum... vamos pôr-nos na marmelada, agora?

— Não, vais beber o teu café e ver o teu e-mail e não vais falar comigo nem com mais ninguém antes de lavares os dentes, porque o teu hálito cheira a triliões de microrganismos. Tirei-te o telemóvel, devolvo-to quando acabares de ler os e-mails.

Levantou-se da cama e voltou costas sem sequer me dar um beijo.

— Mas eu...

Abafou as minhas palavras enquanto saía.

— Para de falar e lê! — E fechou a porta.

Dez minutos depois, já estava mais desperta, sentada na beira da cama com o meu portátil. Mensagens lidas a azul, mensagens por abrir a branco.

«Importantes e Por Ler» perfaziam cinco páginas, todas brancas. Não sabia o que fazer, e então pesquisei por «andyskampt@gmail.com», o que resolveu rapidamente o problema. Uma das primeiras 15 mensagens que ele me tinha enviado tinha como título «LÊ ISTO PRIMEIRO», e havia outra com o título «LÊ ISTO EM SEGUNDO LUGAR», e um terceiro e-mail, mais recente, intitulado «NÃO! ISTO! LÊ ISTO PRIMEIRO!»

Cá estão eles, copiados e colados diretamente da minha caixa de entrada.

NÃO! ISTO! LÊ ISTO PRIMEIRO!

Lamento que todos os e-mails que te enviei hoje pareçam ter sido escritos num frenesi insano. Valorizo a nossa amizade. Tentemos ter isso em mente antes de mais.

Andy

LÊ ISTO PRIMEIRO

OK, então, bem... Vou fazer-te um resumo rápido do que aconteceu nas últimas seis horas. E nada disto é conjectura. O Carl não apareceu só em Nova Iorque, há um em praticamente todas as cidades do mundo. Há pelo menos 60 Carls; estão a aparecer fotos de Carls em todo o lado, de Pequim a Buenos Aires. As pessoas esbarram com eles, como no nosso caso, e há gente em todo o mundo a publicar fotos e vídeos nas redes sociais, mas o nosso foi aquele que se tornou viral. Deve ser um qualquer projeto de arte urbana internacional e o furo jornalístico é teu (nosso?). Todos eles apareceram sem que ninguém visse técnicos a instalá-los e ninguém consegue encontrar imagens de videovigilância. Tenho a certeza de que acabarão por encontrar, mas ainda não há nada.

Está toda a gente a chamar-lhes «Carls» porque não sabem que outro nome lhes dar. Não há propriamente uma declaração do artista impressa em *k-line* e colada ao passeio junto a eles. Estão a passar

o nosso vídeo na televisão (sem autorização, deixa-me que te diga). Vários canais noticiosos entraram em contacto comigo para falar sobre o assunto. O vídeo já teve mais de UM MILHÃO DE VISUALIZAÇÕES! As pessoas adoram-te!

Não leias os comentários.

Já fui outra vez até ao Carl, com uma câmara melhor, para recolher imagens diurnas. Cheguei lá antes da multidão, mas agora aquilo está uma loucura. Ele é uma autêntica atração turística!

Ainda não dormi desde que me ligaste. Sinto que há um cão miniatura a comer-me os olhos por dentro.

Andy

LÊ ISTO EM SEGUNDO LUGAR

Ei, já sabias que o meu pai é advogado? Hum... isto é um pouco desconfortável, mas o «nosso» vídeo já recebeu um milhão de visualizações e isso já representa algum dinheiro e temos de pensar em como o dividir.

No entanto, não me parece que haja uma forma de calcular exatamente quem contribuiu com o quê para o vídeo, e pode dizer-se que nenhum dos dois o teria feito sem o outro, pelo que sugiro uma divisão 50/50 quanto à autoria do vídeo. Também gostaria de te sugerir uma divisão 50/50 quanto ao meu canal de *YouTube* «Skamper2001», cujo nome escolhi quando tinha 11 anos e do qual me arrependerei, literalmente, até ao fim da vida. Última proposta... devíamos fazer mais vídeos sobre o(s) Carl(s), mas podemos falar sobre isso mais tarde.

Pedi ao meu pai que fizesse um contrato que formalize que cada um de nós é detentor de 50 % do vídeo e tem direito a 50 % dos lucros

que advierem dele. Isto, basicamente, também significa que eu não posso fazer nada com o conteúdo sem a tua aprovação, e que tu não podes fazer nada com ele sem que eu aprove. Sei que isto é parvo, mas o meu pai é advogado e é isto que os advogados fazem. Ele também me pediu que te sugerisse que ele te representasse como advogado quando processarmos as grandes cadeias de televisão por terem usado o nosso vídeo sem autorização. Disse-lhe que acalmasse os cavalinhos, portanto, neste momento, os cavalos dele estão a pastar.

Para que saibas, até agora, o vídeo rendeu cerca de 2000 dólares. Basicamente, estamos ricos.

Andy

Uma leitura rápida do resto dos meus e-mails fez-me desejar não ter divulgado o meu endereço de e-mail no meu portefólio digital. Havia, de facto, muitas mensagens de *managers* e agentes do mundo do espectáculo. Algumas pessoas queriam dizer-me o quanto tinham gostado do vídeo. Outras queriam que eu soubesse que, se ia aparecer num vídeo do *YouTube*, havia uma série de coisas que poderia ter feito para melhorar o meu aspeto e, na verdade, porque não o fizera?

Uma das mensagens era claramente mais sinistra do que as outras mensagens sinistras normais. É incrível quão perturbadora uma única pessoa maldosa e manipuladora pode ser, mesmo que nunca a tenhamos visto e (idealmente) nunca cheguemos a vê-la. E é inacreditável o poder que cada um de nós tem sobre estranhos, conseguindo fazê-los sentirem-se pessimamente e assustados e fracos. Não era a primeira vez que alguém me fazia sentir assim, mas foi a primeira vez que aconteceu pela Internet, e bastou para me querer afastar daquilo tudo. Mas só por momentos.

Havia uma mensagem do meu pai. (Na verdade, dos meus pais — eles tinham um endereço conjunto adorável. Juro que eles se sentavam um ao lado do outro a escrever e-mails como se fosse uma chamada telefónica a três. Deviam fazer tablets especiais, com dois teclados, para

peças assim.) O texto parecia uma SMS comprida sobre quão bom tinham achado o vídeo, e o facto de eu parecer bastante cansada, e que mal podiam esperar por me voltarem a ver no casamento do Tom, e se eu andava a descansar o suficiente.

A única mensagem importante a longo prazo nesta história foi uma intitulada «Disse que era morno?» Vou copiá-la aqui diretamente.

Disse que era morno?

Sra. May,

Chamo-me Miranda Beckwith e sou estudante de doutoramento de Física dos Materiais, na Universidade de Berkeley. Vi o seu vídeo esta manhã e achei-o simultaneamente divertido e fascinante. Fiquei particularmente interessada quando se referiu ao «Carl» como «um pouco morno». Imagino, claro, que a sua vida esteja uma loucura neste momento, mas sabendo um pouco sobre materiais, e tendo visto o Carl, é invulgar que um objeto que pareça tão pesado e brilhante não tenha uma baixa condutividade térmica.

Resumindo, o Carl parece feito de metal e, sendo janeiro em Nova Iorque, diria que está muito frio. À temperatura ambiente, o metal seria bastante frio ao toque. Os relatos parecem indicar que estas coisas são superpesadas, pelo que não tem lógica serem de plástico revestido. Não me ocorre outra coisa que não fosse muito fria ao toque e, ao mesmo tempo, pesada e reluzente.

A menos que ele emanasse calor, caso em que, provavelmente, teria uma qualquer fonte de energia dentro dele a mantê-lo quente.

Há um Carl aqui, na Bay Area, mas é cada vez menos provável que eu consiga chegar até ele, pelo que gostaria de lhe pedir que satisfizesse a minha curiosidade. O Carl estava morno como o esferovite é morno ao toque? Ou estava morno como quando tocamos numa chávena de café?

Reparou noutras características nele que ajudassem a deslindar este mistério?

Obrigada pelo seu tempo, e compreenderei perfeitamente se não puder responder.

Miranda

Esse foi o único e-mail a que respondi nesse dia.

Re: Disse que era morno?

Miranda,

Obrigada pela tua mensagem! De todas as coisas invulgares no Carl, essa não se destacou propriamente, mas agora que falas nisso, foi superestranho. Ele não me pareceu morno; simplesmente não pareceu ter qualquer temperatura. Não teria sido capaz de o definir sem essa comparação, mas era, de facto, muito parecido com um esferovite duro e liso. Ou seja, ele não emanava calor, mas todo o calor da minha mão ficou na minha mão quando lhe toquei. E cheguei a dar-lhe uma boa pancada com os nós dos dedos, e o som foi uma espécie de *ponc* seguido de um reverberar grave muito ténue. Não cedeu minimamente. Foi como bater numa parede de tijolo pintada.

Imagino que também eu terei muita dificuldade em chegar novamente perto do Carl de Nova Iorque, portanto, duvido que consiga ajudar mais do que isto. Parece que quem orquestrou isto está a testar os limites da estranheza.

April

E, dessa forma, dei os e-mails por terminados.

— MAYA! Telemóvel, por favor!

— Isto é muito estranho, não é?! — gritou de volta, sem que eu a visse, antes de entrar no quarto.

— Então, qual é a dimensão da catástrofe? — perguntei, apontando para o telemóvel.

— Hum... de repente, tornaste-te extremamente concorrida. O Andy quer falar contigo. E não é pouco. Quer falar durante, pelo menos, quatro anos. Os teus pais também ligaram.

Telefonei aos meus pais, que estavam ótimos, apesar de um pouco stressados. O meu irmão Tom, ligeiramente mais velho, muito bem-sucedido e extraordinariamente normal, ia casar-se no norte da Califórnia dali a poucos meses e eles estavam a ajudá-lo com os preparativos. O Tom tinha estudado Matemática e trabalhava na banca de investimento, em São Francisco. Eu estava sempre à espera de que ele se mudasse para Nova Iorque, para junto de todos os outros consultores de investimento, mas não estava nos seus planos.

Quero deixar bem claro que todos os defeitos que eu possa ter são 100 % meus. Tive uma infância muito feliz; simplesmente, não fui uma criança muito feliz. Os meus pais apoiaram-me sempre e nunca me impuseram expectativas, e não se pode pedir mais do que isso. Então, falámos sobre o Carl e sobre o Tom e sobre o quanto eles gostavam da noiva do Tom e do bem que os preparativos estavam a correr, embora dessem muito trabalho. Eles queriam saber o que eu sabia acerca do Carl, e então contei-lhes uma série de coisas que eles em grande parte já sabiam. Perguntaram-me como ia o trabalho e deram a entender que me podiam enviar algum dinheiro se eu precisasse, algo que faziam sempre e que eu ignorava de todas as vezes. Tinham admirado o vídeo e estavam orgulhosos de mim. Por que motivo? Sabe-se lá. Pais, não é?

Liguei ao Andy, que parecia... desequilibrado.

— APRIL MAY, ISTO ESTÁ A FICAR PARA LÁ DE ESTRANHO!
Encolhi-me e afastei-me do telemóvel.

— Vais ter de te acalmar para podermos conversar.

— O vídeo já teve três milhões de visualizações, as pessoas acham-te fantástica! Não estás a ler os comentários, pois não?

— Na verdade, ainda não vi o vídeo.

— Então és a única no mundo que ainda não viu. Esta história está cada vez mais estranha. Eles ainda não encontraram imagens de câmaras de videovigilância. Há uma câmara que mostra bem o local, mas, às 2h43, há um corte... não grava nada durante cinco minutos e depois, quando retoma a gravação, aparece o Carl vindo do nada. Há analistas militares a dizerem que é possível que um pulso eletromagnético tenha mandado abaixo a rede elétrica local durante a instalação de CADA CARL e que foram todos instalados *precisamente* no mesmo momento. A cena mais estranha de todas é que a estática que as câmaras de videovigilância gravaram não foi uma estática qualquer. As câmaras que estavam a gravar o áudio, pelo menos em todas aquelas a que as estações de televisão conseguiram deitar a mão, emite um som por detrás da estática que corresponde muito claramente, se aumentares o volume, a *Don't Stop Me Now*, dos Queen.

— Adoro essa música.

— A sério?

— Sim, porquê?

— Não, nada, nunca a tinha ouvido. Mas, sim, se prestares atenção consegues ouvir. Ninguém sabe como é que ela lá foi parar... Uma onda radiomagnética de alta intensidade, talvez?

— Sim, isto é superestranho, mas, Andy, não temos grande coisa que ver com isto, não é? Quer dizer, nós fizemos o vídeo, e fico contente por termos detetado um Carl em Nova Iorque...

— «O Carl de Nova Iorque» — interrompeu ele.

— O quê?

— «O Carl de Nova Iorque», é o nome dele. Não é um Carl. Toda a gente lhe chama «O Carl de Nova Iorque», e o Carl em Mumbai é «O Carl de Mumbai», e há «O Carl de Hong Kong» e «O Carl de São Paulo». Mesmo as pessoas que não falam inglês estão a chamar Carl aos seus Carls.

— Seres picuinhas no que diz respeito à nomenclatura não muda a minha opinião... Nós não fizemos o Carl, só o encontramos. Nem sequer isso... Só encontramos um sexagésimo dele.

— Foi o que eu disse ao meu pai, e ele não se calou durante dez minutos sobre a narrativa e a difusão mimética e a mitologia cultural,

e convenceu-me completamente com uma argumentação que sou incapaz de reproduzir. O que me leva à questão mais importante... Acabei de fazer 10 000 dólares.

Houve um silêncio prolongado e, por fim, eu disse:

— Hum... Porreiro?

— Os canais noticiosos queriam muito entrevistar-te, mas lá me aceitaram porque eu fui o melhor que se arranjou. Os comentadores e os especialistas falam durante uns cinco minutos seguidos sobre o Carl, a cada hora, mas não têm material suficiente para tornar a coisa interessante durante muito mais tempo. Não conseguem entrevistar o Carl, mas podem entrevistar-te a ti. O meu pai diz que nos consegue um contrato de licenciamento de 10 000 dólares com todas as grandes cadeias televisivas se aceites dar entrevistas.

— Espera... no total? Ou por estação de televisão?

— Por estação! Estão completamente lixados porque já passaram o vídeo. O meu pai tem-los a todos pelos colarinhos.

A minha cabeça não estava a funcionar à melhor das velocidades, mas reconheci que 10 000 dólares multiplicado pelo número de canais noticiosos que me vinham à ideia podiam saldar uma boa parte dos meus empréstimos universitários. Podia despedir-me do meu emprego de treta. Podia ter tempo ao final do dia para me dedicar a *ideias minhas*.

— E teria de ir às televisões?

— Terias *a oportunidade* de ir às televisões!

— O que é que esperam que eu diga na televisão?

— Só tens de responder às perguntas!

— Tenho de ir ao cabeleireiro?

— April May, estamos a falar de uns 50 000 dólares.

— OK, está bem. Alinho.

Nos 30 minutos que se seguiram, tinha marcadas duas entrevistas na televisão para o próprio dia, e, uma vez que, provavelmente, deveria ter qualquer coisa de interessante para dizer, eu e a Maya passámos as horas antes de eu sair até ao centro da cidade a ler tudo o que podíamos sobre os Carls. Não havia grande coisa — o Andy já me tinha posto a par de quase tudo. Sentia-me um tanto aterrorizada por aparecer no noticiário

e, francamente, não fazia ideia do que esperavam que eu dissesse. «Vi aquela coisa, pareceu-me fixe, não sei o que é, eu e o meu amigo fizemos um vídeo», isso não durava mais de 19 segundos. Não me parecia justificar os 10 000 dólares, mas eu não sabia como funcionavam as televisões. Na verdade, elas queriam sobretudo poder continuar a usar as imagens que já nos tinham roubado sem que os processássemos.

Acabei por ir dar à página da Wikipédia da *Don't Stop Me Now*, a canção quase inaudível que, estranhamente, aparecia em todas as imagens de estática das câmaras de videovigilância nas áreas onde os Carls tinham aparecido.

Don't Stop Me Now é uma canção da banda de *rock* britânica Queen. Faz parte do álbum de 1978 intitulado *Jazz* e foi lançada como *single* em 1979. Escrita pelo vocalista Freddie Mercury, foi gravada em agosto de 1978 nos Super Bear Studios, em Berreles-Alpes (Alpes Marítimos), em França, e é a décima segunda faixa do disco.

Estranho, pensei eu, *gralhas como «escrita» não costumam passar em branco na Wikipédia*. Como boa guardiã da Internet, editei a página, corrigindo o erro e recarregando a página.

Don't Stop Me Now é uma canção da banda de *rock* britânica Queen. Faz parte do álbum de 1978 intitulado *Jazz* e foi lançada como *single* em 1979. Escrita pelo vocalista Freddie Mercury, foi gravada em agosto de 1978 nos Super Bear Studios, em Berreles-Alpes (Alpes Marítimos), em França, e é a décima segunda faixa do disco.

— Ei, Maya, importas-te de aceder à página da Wikipédia da música *Don't Stop Me Now*?

— Sim.

— Vês alguma gralha?

— Hum... duas no primeiro parágrafo.

— Duas?

— Sim, as palavras «escrita» e «lançada» têm erros.

— Corrige-os.

— Sim, sua alteza.

— Vá, corrige, há aqui qualquer coisa estranha.

Ela corrigiu-os e ambas recarregámos a página.

Don't Stop Me Now é uma canção da banda de *rock* britânica Queen. Faz parte do álbum de 1978 intitulado *Jazz* e foi lançada como *single* em 1979. Escrita pelo vocalista Freddie Mercury, foi gravada em agosto de 1978 nos Super Bear Studios, em Berreles-Alpes (Alpes Marítimos), em França, e é a décima segunda faixa do disco.

— Já está — disse a Maya. — Parece-me inconcebível que eu não tenha visto que a palavra «álbum» estava mal escrita quando tu me pediste especificamente para procurar gralhas. Sou tão picuinhas com isso.

Confirma-se.

— Vou corrigir outra vez — disse eu.

Corrigi todas as gralhas e voltei a recarregar a página.

Don't Stop Me Now é uma canção da banda de *rock* britânica Queen. Faz parte do álbum de 1978 intitulado *Jazz* e foi lançada como *single* em 1979. Escrita pelo vocalista Freddie Mercury, foi gravada em agosto de 1978 nos Super Bear Studios, em Berreles-Alpes (Alpes Marítimos), em França, e é a décima segunda faixa do disco.

— Agora, o *u* de «Super» desapareceu! — disse eu, começando a passar-me.

Liguei ao Andy.

— *Yello!* — disse ele, ainda a delirar, claramente.

— Podes ir à página da Wikipédia da música *Don't Stop Me Now*? — disparei sem nenhuma introdução.

— *Yep!* — Dava para ouvi-lo remexer à procura do computador. Fiquei à espera.

— OK, está a ligar... eeeee... — ouvi o bater das teclas.

— Vês algumas gralhas no primeiro parágrafo?

— Hum... Sim... falta o *i* em «escrita».

— Só isso?

— Isto é algum teste?

— E quanto a «lançada», ou «álbum» ou «Super»?

— Estou a ter um dia marado, April, mas estás a conseguir torná-lo ainda mais estranho.

— Responde ao que te perguntei.

— Não, essas palavras estão todas bem escritas. Já sabes como funciona a Wikipédia, pode alterar-se o texto. Provavelmente, alguém corrigiu os erros.

Voltei a recarregar a página, mantinham-se as gralhas, mas não havia erros novos.

— Corrige o erro.

— April, temos de estar no centro da cidade para a emissão da *ABC News* daqui a duas horas. Há muitos erros na Wikipédia e não vamos corrigi-los a todos hoje.

— DEUS DO CÉU, ANDY, FAZ ISSO DE UMA VEZ — gritei eu em tom monocórdico.

— Já mudei... fi-lo enquanto te respondia. Não ficou corrigido. Oh, na verdade, que estranho, agora «lançada» está mal escrita. Espera, essa foi uma das palavras que referiste. Como foi que fizeste isso?

A Maya interveio:

— Põe-no em alta-voz.

E foi o que fiz.

— Andy, sou eu, a Maya. Isso foi o que nos aconteceu, mas eu não precisei de fazer a primeira mudança antes de ver a segunda, talvez porque eu e a April temos o mesmo endereço de IP. Sempre que corrijo uma gralha, vejo outra, além da que acabei de corrigir. Segundo o histórico de edição da Wikipédia, não há ninguém a fazer estas mudanças. Na verdade, a julgar pelo histórico, ninguém fez quaisquer mudanças nesta página, incluindo nós, de há três horas para cá, desde que um editor acrescentou uma nota sobre ouvir-se a música nas gravações das câmaras de videovigilância.

» Enquanto vocês falavam, tentei corrigir a última letra e depois disso não vejo mais erros. Parece que chegámos a um beco sem saída. Além disso, não vamos descobrir a resposta para isto agora porque a April tem de arranjar o cabelo na próxima meia hora e depois apanhar o metro em direção a Manhattan — ordenou a Maya.

— Temos mesmo de fazer esta cena de ir à TV? — lamuriei-me.

— Sim — responderam o Andy e a Maya em simultâneo.

— Mas concordam que isto é muito mais interessante, certo?

Ambos reconheceram que sim, mas depois havia a questão dos 10 000 dólares.

Mais tarde, já depois de um duche rápido e enquanto esticava o cabelo, gritei à Maya da casa de banho:

— Quais eram as palavras mal escritas?

— «Escrita», «lançada»... — Pensou durante um segundo antes de a sua cabeça aparecer a espreitar pela porta da casa de banho. — «Álbum» e «Super».

— I, A, M, U — disse eu.

— Hum? — perguntou a Maya enquanto se sentava na sanita. Não para fazer chichi nem nada do género, só porque não havia mais sítio nenhum ali onde se pudesse sentar.

— Eram essas as letras em falta, I, A, M, U.

— *I am you*¹? — disse ela.

— Bem, tenho quase a certeza de que não era eu que estava a fazer alterações às escondidas nos bastidores da Wikipédia.

— April, este é um mistério que não vamos solucionar hoje.

— Aaaaarrrgh! — disse eu, frustrada. — Como é que consegues ser assiiiiim?

— Assim como?

— Não queres perceber o que se está a passar?

— Linda, daqui a uma hora vais estar na televisão, em direto para todo o país. Dezenas e dezenas de idosos vão ver-te e tens de te mostrar apresentável.

— Isto é horrível.

¹ «Eu sou tu», em inglês. [N. T.]

Ela riu-se.

— Sabes o que estás a fazer neste momento, não sabes?

— O quê?

— April, imagina este cenário. Uma rapariga que fez desenhos excelentes em honra da sua banda favorita recebe um e-mail dessa banda a perguntar-lhe se pode fazer desenhos para serem usados nos produtos oficiais para venda. E depois a mesma rapariga não só não responde como deixa de ouvir a banda. Agora lembra-te de que a pessoa que *fêz isso* foste tu.

— Já começava a não gostar deles, fiquei com vergonha de em tempos ter gostado daquelas músicas.

— Sim, sim — disse ela, nada convencida. — A questão é que detestas quando é o dinheiro que te leva a fazer as coisas, mesmo quando são coisas interessantes. E eu percebo isso, é uma bosta que o dinheiro mande em nós, e talvez tu estejas menos habituada a isso do que a pessoa comum.

— Isso não é justo — respondi, um pouco magoada. — O Andy trabalha como freelancer porque o pai dele pode continuar a pagar-lhe a renda enquanto ele desenvolve o seu portefólio.

A Maya riu-se.

— Sim, é claro que há pessoas com mais dinheiro do que tu. Até eu tenho mais do que tu. Mas mesmo assim ainda estás melhor na vida do que a maioria das pessoas. Mas, pronto, não interessa. Tu és tu e não gostas de fazer coisas normais, e a atitude normal, quando nos oferecem 10 000 dólares para fazermos qualquer coisa, é fazê-la. Mesmo quando isso nos deixa numa pilha e nos assusta.

— Não tenho medo de ir à televisão — garanti.

— Ah, isso é que tens! — contrariou.

Parei para pensar e concluí que ela tinha razão.

— Como é que sabes?

— Porque ir à televisão é assustador. Não é um receio «teu», é um receio humano. Mas não deves ir pelo dinheiro. E também não deves ir por teres receio. Deves fazê-lo porque vai ser estranho. Vais ver coisas que as pessoas nunca veem, e vais descobrir como funciona aquilo, e vais contar-me, e eu vou ficar fascinada, e vamos gozar juntas com

as pessoas da televisão, e depois vamos tentar perceber esta cena bizarra da Wikipédia.

» Além disso, daqui a uma semana tens 50 000 dólares no bolso, e isso é incrível e eu fico mesmo contente por ti. Faz aquilo que tens de fazer pela ordem que deve ser feito.

A Maya tem um autodomínio que me parece quase uma língua estrangeira. Vejo-o em ação e sei que é real, mas o meu cérebro associa sempre aquilo a uma língua como o chinês.

— E não vamos tentar perceber esta cena bizarra da Wikipédia agora — concluí eu por ela.

— *Nope*. Vou ficar a pensar no assunto e pomos mãos à obra assim que chegares a casa. — Levantou-se para examinar o meu cabelo.

— Saí-me bem?

— Não diria que é um *look* ousado. Mas a boa notícia é que, faças o que fizeres aqui em cima — disse ela, gesticulando em direção ao meu cabelo —, tudo o resto — referindo-se à minha cara e ao meu corpo — é pura gostosura assegurada pela genética. — O seu olhar era terno e, não pela primeira vez, tive a sensação de que as duas tínhamos entrado num ritmo de valorização mútua que era ao mesmo tempo maravilhosamente confortável e completamente aterrador.

**NO SEU FANTÁSTICO ROMANCE DE ESTREIA,
HANK GREEN REVELA-NOS A HISTÓRIA DE UMA JOVEM
QUE SE TORNA ACIDENTALMENTE FAMOSA — PARA LOGO
SE ENCONTRAR NO EPICENTRO DE UM MISTÉRIO MUITO
MAIOR DO QUE PODERIA IMAGINAR.**

«Este livro é tão bom que me irrita.
Eu não preciso deste tipo de concorrência.»

PATRICK ROTHFUSS
autor bestseller do *New York Times*

«Sagacidade, empatia e cultura geek numa aventura
divertida sobre a humanidade.»

KIRKUS REVIEWS

«Arrebatadora e aterrorizante, esta análise sobre aliens
e redes sociais fará as delícias dos leitores.»

BOOKLIST

«Uma heroína bissexual abertamente imperfeita,
anticompromisso e problemática, mas um espírito bondoso.
Uma leitura altamente recomendada.»

LIBRARY JOURNAL

«Hank Green não escreveu apenas uma misteriosa aventura, nem
sequer uma das reflexões mais interessantes sobre Internet e fama
que eu alguma vez vi (embora o tenha feito também); ele escreveu
um livro que expande a nossa mente enquanto nos leva
numa mirabolante aventura.»

JOSEPH FINK
autor

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8917-45-4



9 789898 917454

Literatura Traduzida